

## **Impacto da educação financeira na motivação empreendedora de micros e pequenos empreendedores em Camaragibe-PE**

**Impact of financial education on the entrepreneurial motivation of micros and small entrepreneurs in Camaragibe-PE**

**Impacto de la educación financiera en la motivación emprendedora de micros y pequeños empresarios de Camaragibe-PE**

Recebido: 23/11/2022 | Revisado: 12/12/2022 | Aceitado: 14/12/2022 | Publicado: 19/12/2022

### **Kevin Ferreira Corcino**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5185-061X>  
Centro Universitário Uninassau, Brasil  
E-mail: kevinfc@hotmail.com

### **Franciele Alves da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5633-4996>  
Centro Universitário Uninassau, Brasil  
E-mail: afranciele25@gmail.com

### **Mário José de Oliveira Machado**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2394-4779>  
Centro Universitário Uninassau, Brasil  
E-mail: mariojosedoliveira@gmail.com

### **Thales Fabricio da Costa e Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1828-3259>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: thalespsic@gmail.com

### **Joselito Targino de Oliveira Dutra**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5200-5979>  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil  
E-mail: joselito.dutra@uscsonline.com.br

### **Resumo**

Este artigo objetiva relacionar os conhecimentos e hábitos sobre finanças pessoais de micros e pequenos empresários que atuam no município de Camaragibe-PE com a sua motivação em continuar a empreender. Realizou-se uma pesquisa quantitativa, aplicando um questionário estruturado e adaptado do modelo de Halpern a 329 empreendedores locais. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e multivariada, relacionando os construtos “educação financeira”, “gestão de crédito”, “gestão de ativos” e “estresse com eventos financeiros” à motivação de continuar a empreender. O construto “gestão de crédito” apresentou maior coeficiente de explicação na motivação a empreender. A pesquisa concluiu que a educação financeira, apesar de não ser um fator explicativo, impacta positivamente à intenção de continuar empreendendo.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Educação financeira; Motivação.

### **Abstract**

This article aims to relate the knowledge and habits about personal finance of micro and small entrepreneurs who work in the municipality of Camaragibe-PE with their motivation to continue to undertake. A quantitative research was carried out, applying a structured questionnaire adapted from the Halpern model to 329 local entrepreneurs. Data were analyzed using descriptive and multivariate statistics, relating the constructs “financial education”, “credit management”, “asset management” and “stress with financial events” to the motivation to continue to undertake. The construct “credit management” presented the highest coefficient of explanation in the motivation to undertake. The research concluded that financial education, despite not being an explanatory factor, has a positive impact on the intention to continue entrepreneurship.

**Keywords:** Entrepreneurship; Financial education; Motivation.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo relacionar los conocimientos y hábitos sobre finanzas personales de los micro y pequeños empresarios que actúan en el municipio de Camaragibe-PE con su motivación para seguir emprendiendo. Se realizó una investigación cuantitativa, aplicando un cuestionario estructurado adaptado del modelo de Halpern a 329

empresarios locales. Los datos fueron analizados mediante estadística descriptiva y multivariada, relacionando los constructos “educación financiera”, “gestión del crédito”, “gestión de activos” y “estrés con eventos financieros” con la motivación para seguir emprendiendo. El constructo “gestión del crédito” presentó el mayor coeficiente de explicación en la motivación para emprender. La investigación concluyó que la educación financiera, a pesar de no ser un factor explicativo, tiene un impacto positivo en la intención de continuar con el emprendimiento.

**Palabras clave:** Espíritu empresarial; Educación financiera; Motivación.

## 1. Introdução

Nos cenários de crise econômica, as empresas de médio e grande porte em estrutura e faturamento, levam mais tempo para reagir às mudanças impostas, já as micros e pequenas empresas absorvem com mais facilidade os efeitos econômicos negativos e, por serem mais flexíveis em suas estruturas, esboçam reações mais rápidas (Farah, et al., 2020).

Na mesma direção, as grandes empresas possuem uma mão-de-obra mais qualificada, ao contrário das micros e pequenas empresas; apesar disso, estas empregam trabalhadores de vários níveis de escolaridade e de classes sociais, e são responsáveis por cerca de 72% dos postos de trabalhos gerados por ano no Brasil, reforçando a necessidade de qualificação de mão-de-obra nesse importante segmento. Essas diferenças ilustram o alto índice de mortalidade das micros e pequenas empresas no Brasil, que se deve a uma combinação de fatores que envolvem, principalmente, o planejamento e a capacitação dos empresários em gerir os diversos aspectos empresariais, entre eles, o aspecto financeiro (Vieira Neto, et al., 2018).

A correta gestão financeira se torna, então, fundamental para o sucesso de qualquer organização. A importância de um correto planejamento estratégico, operacional e financeiro permite às empresas terem controle sobre vários aspectos administrativos cotidianos e preparam as organizações para desafios que possam surgir em cenários de instabilidade econômica e política. Nesse contexto, uma administração orçamentária voltada para uma saúde financeira pode ser um fator determinante na sobrevivência em um mercado instável e competitivo (Siqueira & Barbosa, 2017).

A ausência de educação em gestão de empresas e administração financeira é uma das principais razões para o baixo índice de sobrevivência das pequenas e microempresas no Brasil. Muitos empresários desse segmento tem no empreendedorismo uma única forma de obter renda. Em um cenário de crise econômica e alto índice de desemprego, o empreendedorismo de necessidade tende a ser um forte fator motivacional entre aqueles que começam essa atividade econômica, diferentemente do empreendedorismo de oportunidade, onde a motivação empreendedora é baseada em livre escolha de atuação, ainda que se possua alternativas na área profissional. Em ambos os aspectos, a baixa qualificação terá um impacto negativo para os empresários que desconhecem instrumentos e práticas de uma boa gestão financeira na sua vida pessoal ou profissional (Miguez & Lezana, 2018).

A economia no Brasil é fortemente impactada pela atuação de micros e pequenos empresários, seja sob o aspecto da formalidade ou no âmbito da informalidade. A forma de atuação na gestão financeira dessas organizações pode impactar na motivação dos micros e pequenos empreendedores. Portanto, além de conhecimento e habilidades necessárias, a motivação dos profissionais pode atuar como fator determinante de sucesso (Bozzo, et al., 2019).

A motivação é um dos fatores primordiais para o empreendedor, não só quando o indivíduo toma a decisão de abrir um negócio, mas durante todo o funcionamento da empresa. O empreendedor necessita de motivação para tomar decisões, fazer mudanças e acrescentar algum produto ou serviço quando for necessário, mediante a visão que consegue obter com as oportunidades e ameaças do mercado. Portanto, o baixo nível de motivação do empreendedor pode impactar negativamente na operação do seu serviço.

Em cidades de médio e pequeno porte, a participação das micros e pequenas empresas na economia local e regional é um elemento vital na qualidade de vida dos municípios. Um exemplo disso é a cidade de Camaragibe, em Pernambuco, fundada em 1982, com uma população aproximada de 158.000 habitantes, e um PIB corrente anual de R\$ 1.757.192.415,00, sendo a

15ª mais importante entre os 184 municípios do estado; ela é uma das principais cidades da região metropolitana de Recife, e está entre os oito maiores municípios em número de empresas em Pernambuco, sediando cerca de 19.500 empresas (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [SEBRAE], 2021).

Dadas as características do município de Camaragibe-PE e a ausência de pesquisas que investiguem os impactos da educação financeira na motivação empreendedora de micros e pequenos empresários nessa localidade, este artigo tem o objetivo de relacionar os conhecimentos e hábitos nas áreas de finanças pessoais de micros e pequenos empresários que atuam no município de Camaragibe-PE com a sua motivação em continuar a empreender.

Devido a importância de uma gestão financeira saudável para a longevidade das micros e pequenas empresas e a motivação para continuar exercendo a atividade econômica, essa pesquisa contribui para a ampliar o conhecimento sobre a atividade econômica em uma cidade de significativo impacto socioeconômico na região metropolitana de Recife e, embora esteja limitada ao recorte geográfico de um município, ela pode sinalizar características partilhadas com outras populações que partilham a mesma atividade econômica.

## 2. Referencial Teórico

O planejamento financeiro é um instrumento estratégico que promove o sucesso no âmbito pessoal e empresarial. Quando bem gerido e implementado, pode auxiliar no desenvolvimento de uma vida financeira saudável. Em cenários de instabilidade no mercado econômico, um planejamento financeiro eficiente se torna um fator essencial para sobrevivência, já que, conforme pontua Gitman (2001), as organizações utilizam o planejamento financeiro como forma de alcançar suas finalidades através de alocação de recursos de maneira eficiente.

Porém, para administrar de modo eficiente, as organizações precisam de gestores capacitados e com conhecimento em gerenciar bens monetários. Portanto, o planejamento financeiro tem o seu início no conhecimento e hábitos financeiros dos seus gestores. Segundo Ross, et al., (1995), o planejamento financeiro é essencial para o cotidiano operacional nas empresas e famílias, uma vez que está atrelado aos objetivos traçados e a melhor forma de alcançá-los.

Entre os desafios que as empresas e as famílias enfrentam, está o processo de financeirização da economia brasileira, um processo que começou a ser acompanhado pela literatura acadêmica no Brasil a partir da década de 1990. O processo de financeirização da economia pode ser definido pela mudança do padrão de funcionamento de acumulação de riquezas nas economias, onde os processos de acumulação e geração de riquezas acontecem de forma preponderante por canais financeiros, e não através das atividades diretamente e tipicamente produtivas, como a indústria, comércio e agricultura (Bruno, 2011).

Com o advento de novas formas de acumular e gerar riquezas, a economia brasileira conta com uma maior abertura e popularização do mercado financeiro e de capitais, apoiado com o surgimento de *startups* e empresas de desenvolvimento de produtos financeiros totalmente digitais. Essa popularização do mercado financeiro tem como acontecimento marcante o fato da bolsa de valores brasileira (B3) ter atingido, em 2021, o recorde de 3,4 milhões de investidores pessoas físicas. Portanto, para as famílias e organizações, o escopo de decisões, visando maximização de renda, se tornou muito mais amplo e dependente de informações (Vieira, et al., 2021).

Diante de um cenário que demanda das empresas e famílias a necessidade de um fluxo constante de conhecimento, o impacto de decisões na área financeira vai abranger tanto a administração de negócios quanto a de recursos pessoais. O planejamento financeiro pessoal tem os mesmos objetivos ao planejamento das empresas, uma vez que ambos buscam o aumento de patrimônio e geração de renda para os envolvidos (Confessor, 2021).

No âmbito dos microempreendedores e pequenos empresários, a gestão administrativa das finanças pessoais reflete de forma intensa na gestão financeira da empresa, assim como a ausência de poder remuneratório e o tamanho limitam o acesso

de mão-de-obra qualificada na gestão. Para Matos (2017), a ausência de capacidade de gestão tem um efeito intenso no alto índice de mortalidade entre as micros e pequenas empresas no Brasil nos primeiros dois anos de abertura.

Conforme pesquisa do Sebrae (2016), os três principais fatores de causa para mortalidade das micros e pequenas empresas nos primeiros dois anos de abertura no Brasil foram a ausência de planejamento prévio, a gestão financeira e o comportamento do empreendedor. Existe, portanto, uma repercussão dos hábitos financeiros pessoais desse grupo de empresários no modo de planejamento e gestão para as micros e pequenas empresas.

## **2.1 Finanças Pessoais**

Para Solow (1956), pessoas que possuem algum nível de educação financeira têm uma maior capacidade de desenvolver um planejamento financeiro pessoal, gerando poupança e possibilidade de investimento. Os estudos em finanças pessoais delineiam os princípios para o entendimento de controle de recursos financeiros que possibilitem a capacitação das pessoas para que aprendam a aplicar este conhecimento nos processos que envolvem a tomada de decisão.

Esse conhecimento adquirido repercute na forma com que a população consome, cria poupança e investe os recursos para gerar mais renda, um processo que tem um impacto em toda a cadeia econômica de uma nação. Os princípios que norteiam a alocação de recursos nas empresas têm, em sua base, os mesmos princípios que as pessoas utilizam em suas finanças pessoais (Hugentobler & Heidrich, 2020).

Para Da Silva e Farago (2013, p. 23), “no planejamento financeiro de uma empresa, muitas atividades são necessárias e estão interligadas. Já no ambiente familiar, essas atividades são mais simples, embora necessitem do mesmo controle e determinação”. Logo, no aspecto mais simples, a forma de gerir as finanças pessoais tem o mesmo resultado pretendido na gestão de empresas. Conseqüentemente, a capacitação de um indivíduo em finanças resulta em melhores decisões tanto no aspecto familiar quanto empresarial.

O processo elementar de toda gestão financeira vai envolver planejamento, objetivos, atitudes e decisões. Estas etapas compõem tanto o planejamento financeiro pessoal quanto o empresarial. Na prática, as finanças das empresas e pessoais possuem grau de proximidade ainda maior para os micros e pequenos empreendedores, uma vez que terminam gerenciando recursos da família e do próprio negócio ao mesmo tempo (Confessor, 2021).

Portanto, a correlação entre finanças pessoais e empresariais é uma realidade significativa para os pequenos empresários, uma vez que a forma em que contemplam aspectos de finanças pessoais vão impactar na forma de gerir empresas. Para desenvolver uma administração financeira eficiente, Halpern (2003) afirma que existem três grandes áreas que devem ser analisadas: a educação financeira, como se administra dívidas e como se administra os investimentos. Para o autor, esse é um tripé que engloba todos os aspectos de uma correta gestão financeira, tanto sob o aspecto pessoal quanto empresarial: educação financeira, gestão de crédito e gestão de investimentos.

## **2.2 Gestão de Crédito**

A gestão de crédito é um pilar fundamental na gestão financeira, pois entender a necessidade, o momento e a forma de adquirir crédito vai impactar fortemente no grau de endividamento das pessoas e organizações, limitando, assim, a capacidade de pagamento dos custos e despesas e na capacidade de reinvestimento no próprio negócio. A oferta de crédito no Brasil apresentou um grande crescimento nos últimos anos, o processo de financeirização da economia teve em sua raiz a abertura de bancos digitais, corretoras e cooperativas de crédito que oferecem opções de crédito fora do mercado bancário tradicional e as altas taxas de juros (Hugentobler & Heidrich, 2020).

Porém, a facilidade na aquisição de crédito pode gerar uma consequência negativa, como o aumento excessivo no nível de endividamento das organizações. No ano de 2019, a Confederação Nacional do Comércio (CNC, 2022) apontou para

um índice de 64% no número de famílias que se declaravam endividadas, sinalizando o endividamento de mais da metade das famílias brasileiras.

A utilização de crédito não é conceitualmente um aspecto negativo e nem deve ser evitado de forma taxativa, mas deve ser planejado de forma estratégica com os devidos cuidados em função das taxas e percentuais aplicados. Esse cuidado requer, dos administradores, conhecimento e cautela para utilizar a oferta de crédito para benefício da gestão financeira. A função do crédito é um fator importante no desenvolvimento econômico em uma nação, uma vez que pode elevar o poder de aquisição das famílias e investimento na capacidade produtiva das micros e pequenas empresas, porém, deve ser usado de forma estratégica (Confessor, 2021; Halpern, 2003).

### **2.3 Gestão de Investimentos**

Para Gitman (2001), o investimento pode ser definido como recursos aplicados em modalidades financeiras na forma de dinheiro ou títulos que resultam em retornos maiores do que os recursos empregados originalmente. A forma de capitalização dos valores monetários depende do tipo de aplicação e serve para compensar o tempo em que os valores estiverem investidos.

O investimento também pode ser entendido através da despesa feita ou adquirida com vistas a aumentar a capacidade produtiva de uma empresa, gerando valor que compensará a despesa obtida. A expectativa de obtenção de lucro deve superar o valor dos recursos financeiros despendidos (Halpern, 2003; Vieira Neto et al., 2018).

Uma gestão de investimento feita de forma planejada pode gerar para as famílias e as organizações uma forma de obtenção de renda passiva remunerada por juros de mercado. Contudo, deve ser feita de forma cautelosa e planejada para que, além de auferir a renda pretendida, o investimento possa assegurar liquidez para o gestor em momentos de necessidade de capital (Graf & Graf, 2013).

A gestão de investimentos, contudo, não é uma etapa inicial na administração financeira; para que ocorra, é necessário que haja um controle nas finanças de forma organizada. O controle das dívidas em relação à renda é o passo inicial para geração de poupança (Halpern, 2003). Além do controle financeiro, uma gestão de ativos de forma rentável irá demandar das pessoas conhecimento sobre mercado financeiro e das melhores opções de investimento de acordo com os objetivos pretendidos (Miranda, et al., 2017).

Atualmente, existe uma grande demanda pela educação financeira no Brasil, no entanto, até o início da década de 2000, a relação que os brasileiros faziam com o termo investimento estava restrito à caderneta de poupança e aquisição de imóveis. Vale considerar que um dos resultados do processo de popularização e financeirização da economia foi a maior participação ativa de brasileiros investindo na bolsa de valores B3, registrado em 2021 (Vieira et al., 2021).

O mercado financeiro no Brasil está aquecido com a grande participação de pessoas físicas e estrangeiros, porém, o mercado de renda variável e fixa demanda um grande conhecimento em administração financeira e econômica do investidor, que deve avaliar sua tolerância a risco em face às características das modalidades financeiras. O mesmo cuidado é exigido na aquisição de bens e serviços sob a motivação de investimento, pois a capitalização de juros compostos na composição de dívidas é um fato que deve ser cuidadosamente avaliado a médio e longo prazo (Vieira Neto et al., 2018). Portanto, enquanto a gestão de crédito e de investimentos evoluem de acordo com o alto nível de inovação tecnológica vivenciada na economia, a educação financeira se torna fundamental para decisões assertivas (Halpern, 2003).

### **2.4 Educação Financeira**

A educação financeira, como campo de conhecimento, envolve o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir informações necessárias para administrar seus recursos financeiros de acordo com os objetivos que deseja traçar. Em uma

realidade onde a administração da informação se torna cada vez mais vital para a sobrevivência das empresas, a falta de educação financeira pode acarretar consequências negativas para pessoas e empresas a curto, médio e longo prazo (Halpern, 2003; Matos, 2017).

Segundo Assaf Neto (2018), a educação financeira é um conjunto de conhecimento que deve ser apresentado a todas as pessoas em todos os setores da sociedade, uma vez que a educação financeira forma a base para a organização do planejamento financeiro sob o âmbito pessoal e organizacional.

Para Cordeiro, et al., (2018), a ineficiência na educação financeira resulta em pessoas e empresas vulneráveis aos cenários cada vez mais constantes de instabilidade econômica. Portanto, faz-se necessária a adoção de iniciativas da administração pública na criação e desenvolvimento de políticas públicas que propaguem a educação financeira como forma de evitar a mortalidade das micros e pequenas empresas.

A forma de governar as finanças em cenários de instabilidade é fundamental para mitigação dos impactos negativos de acontecimentos não planejados que demandam recursos financeiros com certa urgência. O estresse com eventos financeiros não planejados podem debilitar a saúde financeira das famílias e das empresas e, em certos casos, podem ter impacto negativo, onde as empresas não possuem uma reserva de emergência ou acesso à crédito em situações de grande instabilidade econômica (Vieira et al., 2021).

## **2.5 Empreendedorismo e Motivação**

Para as micros e pequenas empresas, que tendem a refletir o comportamento financeiro dos seus gestores responsáveis, a saúde financeira pode ter um impacto na motivação de continuar a empreender dos empresários, o que pode determinar a baixa longevidade desse setor. Por conseguinte, em organizações pequenas e principalmente para os microempreendedores individuais, o conhecimento e hábitos nas finanças pessoais forma a gestão financeira dessas empresas, que são a maioria das organizações empresariais no Brasil e apresenta uma participação determinante na economia. Investir na educação financeira dos indivíduos pode trazer um impacto bastante positivo na gestão das empresas em geral e principalmente no crescimento econômico (Graczkowski & Pereira, 2021).

Para Ribas (2012), a motivação é pouco estudada quando aplicada no campo do empreendedorismo. Diferente das grandes teorias regentes da motivação humana nas organizações, na esfera do empreendedor, a motivação está centralizada na relação entre risco e recompensa. A motivação de empreender deve ser separada da motivação em continuar empreendendo. A partir do momento em que a escala risco x recompensa deixa de atuar de forma benéfica ao empreendedor, a motivação pontual em iniciar um empreendimento deixa de ser atuante de forma positiva para que o empresário continue o seu projeto.

Todavia, para Gomes (2005), devido ao fato de os microempresários serem responsáveis por diversas áreas de gestão dos seus negócios, a motivação pessoal e empreendedora não pode ser dissociada. Portanto, todos os aspectos que envolvem a vida pessoal dos microempreendedores possuem um resultado na gestão da empresa, incluindo aspectos que podem provocar motivação relacionadas à educação, saúde, satisfação e realização pessoal.

Por conseguinte, analisar possíveis interações entre aspectos motivadores, perfil, conhecimento e hábitos em finanças entre os micros e pequenos empreendedores, pode auxiliar no incentivo à qualificação profissional e aumento da taxa de longevidade e sucesso dessa importante engrenagem da economia brasileira.

## **3. Metodologia**

Para relacionar os conhecimentos e hábitos nas áreas de finanças pessoais de micros e pequenos empresários que atuam no município de Camaragibe-PE com a sua motivação em continuar a empreender, este estudo se estruturou em uma abordagem quantitativa e utilizou a estatística descritiva e multivariada (Gil, 2017).

De acordo com o Sebrae (2021), o número total de Microempreendedores Individuais (MEI), Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) localizados em Camaragibe-PE é de 9.068 organizações cadastradas, perfazendo o universo dessa pesquisa. Para o cálculo da amostra, levou-se em consideração o erro amostral de 6% e o nível de confiança de 94%, além da distribuição da população de forma heterogênea, resultando em uma amostra de 260 casos. A técnica de amostragem adotada foi a não-probabilística e o acesso se deu pela técnica bola de neve.

Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário estruturado em três partes. Na primeira parte, apresentou uma abordagem sociodemográfica, solicitando faixa etária, escolaridade, estado civil, sexo, renda, data de abertura da empresa e atividade desenvolvida pela empresa. A segunda parte foi adaptada do modelo de Halpern (2003) e Lana, et al., (2011) para análise de aspectos de conhecimento de gestão financeira, com 33 assertivas a serem analisadas e respondidas de acordo com uma escala Likert de 11 pontos. O modelo de referência apresenta quatro construtos: “Educação Financeira”, “Gestão de Crédito”, “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros”. Uma assertiva foi posta pelos pesquisadores para mensurar o impacto do conhecimento e hábitos financeiros na motivação de continuar a empreender dos respondentes. A terceira parte do questionário apresentou a assertiva “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”.

O questionário foi disponibilizado de forma online entre os meses de abril e julho de 2021. Como critério de inclusão na pesquisa, o respondente deveria cadastrar o CNPJ da empresa para confirmação de que se encaixava no público-alvo de pesquisa (MEIs e gestores de ME e EPP ativos e com localização em Camaragibe-PE) e se estavam com cadastro ativo junto à Receita Federal do Brasil.

Após quatro meses de coleta dos dados, 425 questionários foram preenchidos, porém, 55 deles foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão mencionados anteriormente. O banco de dados obtido junto aos 370 casos validados em função dos critérios de inclusão foi analisado para a identificação de inconsistências, como a identificação de casos *missing* (ausência de respostas) e *outliers* (multivariado), sendo excluídos mais 41 questionários; assim, para a análise estatística, foram considerados 329 casos.

Feita a estatística descritiva, foi realizada a técnica de regressão linear, uma técnica de estatística multivariada que tem como objetivo identificar se as variáveis independentes explicam uma variação significativa da variável dependente e a possibilidade de prever os valores da variável dependente (Malhotra, 2011). Os dados foram analisados com o suporte do software SPSS, na versão 18.

Durante a análise, buscou-se identificar, primeiramente, o impacto explicativo das variáveis independentes na variável dependente “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”. Após esta análise, foi realizada uma nova regressão para identificar o coeficiente explicativo das variáveis independentes sob a variável dependente: “Consigno Controlar minhas dívidas, conforme minha renda”. Todas as análises foram feitas pelo método de estimação “Enter” com teste de multicolinearidade e de correlação entre resíduos

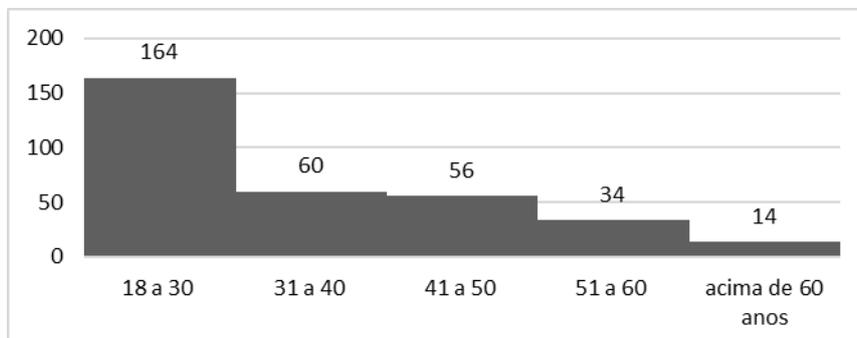
Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e não houve identificação direta dos respondentes dos questionários e nem exposição das empresas participantes.

#### 4. Resultados e Discussão

Ao avaliar os dados sociodemográficos dos Microempreendedores Individuais (MEI), gestores responsáveis pelas Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) localizadas em Camaragibe-PE, observou-se que 59% (n = 194) dos respondentes se declararam do sexo feminino e 41% (n = 135) masculino; 54% (n = 178) dos respondentes responderam ser solteiros, enquanto 39% (n = 128) afirmaram ser casados. Para as organizações que tiveram representação neste estudo, 57,9% (n = 190) afirmaram atuar no setor de serviços, 35,3% (n = 116) no comércio e 6,8% (n = 22) no setor da indústria. Quanto à

faixa etária, houve predominância nas faixas etárias de 18 a 30 anos, com 49,8% (n = 164) dos respondentes, e da faixa de 31 a 40 anos, com 18,2% (n = 60), conforme apresentado na Figura 1.

**Figura 1 - Faixa etária dos participantes (em anos).**



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sob o aspecto educacional, 1,2% (n = 4) dos respondentes afirmaram não ter o ensino fundamental completo, enquanto 7,3% (n = 24) responderam ter o ensino fundamental completo, 53,2% (n = 175) disseram ter o ensino médio completo e 38,3% (n = 126) informaram ter o ensino superior completo. Portanto, nota-se que a maioria dos participantes possui até o ensino médio completo, podendo-se inferir que essa parcela de empreendedores não teve acesso a conhecimento profissional, seja no nível técnico ou superior. Em relação à remuneração, a maioria dos empresários afirmou obter um rendimento médio de até um salário mínimo, conforme demonstrado na Tabela 1.

**Tabela 1 - Remuneração dos empresários**

Salários Mínimos	Valor absoluto	Valor relativo
Até um salário mínimo	141	42,86
Entre um salário mínimo e 2 salários	94	28,58
Entre dois salários mínimos e 3	34	10,33
Acima de 3	60	18,23
Total	329	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ao comparar as duas variáveis, escolaridade e a renda declarada, observa-se que, dos 60 respondentes que afirmaram auferir uma renda superior a 3 salários mínimos, 70% (n = 42) possuem curso superior completo. Todos que responderam receber até 3 salários mínimos, 269 empreendedores, 32% (n = 86) possuem ensino superior completo. Entre aqueles que declararam receber até 1 salário mínimo, 21% (n = 29) possuem ensino superior.

Para a amostra pesquisada, houve uma relação entre escolaridade e renda, uma vez que a quantidade de pessoas com nível superior foram mais presentes nas camadas de maior renda e diminuindo de acordo com as camadas inferiores de renda, enquanto os respondentes com nível médio e fundamental apresentaram crescimento nas faixas de renda menores. Ademais, apenas 8% (n = 14) das pessoas com nível médio de escolaridade disseram receber mais de 3 salários mínimos.

Esta relação demonstra a importância apontada por Graczkowski e Pereira (2021) para a educação como força matriz e um meio efetivo de geração de renda através do favorecimento do desenvolvimento de competências individuais e organizacionais. Outros autores, como Becker (1964) e Mincer (1974), demonstram estatisticamente uma forte correlação entre educação e renda. Não foi objetivo deste estudo esse tipo de análise, porém, percebe-se que é um fator significativo também para os empreendedores no município de Camaragibe-PE.

O nível de educação dos empreendedores é um fator que traz um retorno em conhecimento e no aprimoramento das habilidades, podendo trazer, como consequência, o aumento de produtividade e maior retorno financeiro. O nível de escolaridade também apresentou uma relação com a variável tempo de abertura da empresa. Segundo os dados levantados, é possível verificar que, dos 51 respondentes com empresas abertas há mais de cinco anos, todos afirmaram ter curso superior. Devido ao alto índice de mortalidade das micros e pequenas empresas no Brasil, um processo de capacitação que ensine aos empreendedores aspectos de análise de mercado, desenvolvimento de produtos e serviços, práticas de administração financeira e contabilidade, pode repercutir positivamente no aumento da longevidade das empresas, fator fundamental para o desenvolvimento econômico do país.

Esses aspectos podem demonstrar a importância de um envolvimento eficaz da administração pública no incentivo à educação entre os empreendedores, assim como demonstrado por Matos (2017), a adoção de programas visando capacitar os microempreendedores e pequenos empresários pode aumentar substancialmente o índice de sucesso e o desenvolvimento econômico a partir da adoção de conhecimentos e práticas em gestão financeira.

O conhecimento e práticas de gestão financeira possuem um impacto fundamental no sucesso da organização, principalmente quando as operações das empresas giram em torno das decisões exclusivas dos gestores. Esta pesquisa trabalhou com um modelo de questionário validado de Halpern (2003) e Lana et al. (2011) com 33 assertivas agrupadas em quatro grandes construtos: “Educação Financeira”, “Gestão de Crédito”, “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros”. As médias das respostas para as duas primeiras dimensões - Educação Financeira e Gestão de Crédito – constam na Tabela 2.

**Tabela 2 - Médias de Respostas - Construtos Educação Financeira e Gestão de Crédito.**

Educação Financeira	Média	Gestão de Crédito	Média
Tenho anotado o controle de minhas finanças	5	Tenho financiamentos/empréstimos a pagar em 12 meses.	7
Costumo fazer compras à vista	5	Já tive meu nome incluído no Serviço de Proteção ao Crédito	7
Cuido para nunca gastar mais do que ganho	6	Consigo controlar minhas dívidas, conforme minha renda	5
Tenho uma reserva para eventuais problemas	4	Já comprometi meu 13º salário (caso tenha esse benefício) deste ano em pagamento de dívidas	2
Tenho conhecimento sobre finanças pessoais	5	Utilizo opções de crédito como cartão de crédito/talão de cheques	6
Costumo ler sobre assuntos relacionados ao tema	6	Utilizo o pagamento da parcela mínima do cartão de crédito	2
Faço meu planejamento pessoal para longo prazo	4	Possuo empréstimos e/ou financiamentos	8
Converso sobre finanças com minha família e amigos	7	Quando me endivido, renegocio minhas dívidas o mais cedo possível	7

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dentre os resultados que mais se destacam entre as duas dimensões, é possível observar que as médias das variáveis relacionadas “Tenho uma reserva para eventuais problemas” e “Faço meu planejamento pessoal para longo prazo” receberam as menores notas, demonstrando baixo grau de concordância com as afirmações dentro da dimensão “Educação Financeira”.

Para o construto “Gestão de Crédito”, as médias das notas atribuídas para as afirmativas demonstram que, para a amostra pesquisada, a utilização de crédito cedido por instituições é um fato comum na gestão financeira das empresas. A média de nota oito atribuída para a afirmativa “Possuo empréstimos e/ou financiamentos” demonstra um alto nível de concordância, assim como a afirmativa “Tenho financiamentos/empréstimos a pagar em 12 meses”. Estas respostas indicam uma realidade onde os micros e pequenos empresários utilizam oferta de crédito e que possuem dívidas de curto prazo, o que pode indicar taxas mais altas de juros na aquisição de crédito.

Sob a relação entre os construtos, é possível observar que houve baixa concordância com a afirmativa relacionada à construção de reserva financeira para eventualidades, ao mesmo tempo que uma alta concordância para endividamento de curto

prazo. Esse cenário que pode ser explicado pela instabilidade econômica, política e sanitária vivenciada pelo país em função da pandemia de Covid-19, que coincidiu com o período da coleta dos dados. Conforme pontuam Cordeiro, et al.,(2018) apontam, a utilização de crédito ofertado pelo mercado bancário e outras instituições financeiras requer do gestor conhecimento para administrar receitas e despesas, além de conhecimento sobre matemática financeira para cálculo de taxas de juros e de desconto financeiro. Portanto, para uma saúde financeira organizacional, é fundamental que o empresário seja educado em planejamento financeiro para evitar níveis de endividamento irrecuperáveis.

As médias das afirmativas relacionadas à aquisição de crédito e nível de endividamento foi menor entre o grupo de micros e pequenos empresários que possuem nível superior, ao mesmo tempo que, no grupo com nível superior completo, houve alto grau de concordância com as afirmativas de controle de finanças e desenvolvimento de reserva de emergência financeira.

Para analisar o impacto desses dois construtos na variável que visou mensurar o impacto do conhecimento e hábitos financeiros na motivação de continuar a empreender, foi feita uma regressão linear entre as afirmativas de cada construto de forma separada. Na primeira análise, foram utilizados como variáveis independentes todas as afirmativas do construto “Educação Financeira”, e como variável dependente a afirmativa “Eu considero ter motivação para continuar a empreender”.

Após utilizar o método “Enter” da regressão linear através do software SPSS, foi verificado se existiam as condições necessárias para rodar o método. Foi verificado, pelo indicador Durbin-Watson, não existir autocorrelação entre as variáveis (valor 1,992), assim como o teste ANOVA apresentou índice de significância (0,000), demonstrando que a regressão foi relevante; além disso, houve ausência de multicolinearidade no banco de dados, uma vez que todas as variáveis tiveram fator de inflação da variância (VIF) abaixo de 1,9, sendo que o valor de referência, segundo Gujarati (2012), deve ser abaixo de 10.

As afirmativas que compuseram o construto “Educação Financeira” apresentaram o valor de  $R^2$  ajustado de 0,557 como coeficiente de explicação. Este resultado permite concluir que as afirmativas do construto “Educação Financeira” não conseguem explicar a motivação dos micros e pequenos empresários em continuar empreendendo, já que, como pontuaram Hair Jr., et al., (2009), é necessário que os percentuais estejam acima de 70% para que as variáveis possam ser consideradas preditoras, e 60% para que possam ser relacionadas. Contudo, com um percentual de 55% de fator de explicação, é possível apontar que as variáveis do construto “Educação Financeira” exercem um impacto positivo (embora não explicativo) na amostra sobre a intenção de continuar empreendendo.

Para as variáveis do construto “Gestão de Crédito”, foram feitos os mesmos testes com a amostra, apresentando 2,081 de índice de Durbin-Watson, rejeição da hipótese  $H_0$  (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2,1). O coeficiente de explicação das afirmativas em relação à motivação para continuar a empreender ficou em 0,605 ( $R^2$  ajustado), o que permite concluir que existe uma relação positiva entre as afirmativas que formam a “Gestão de Crédito” e a motivação de continuar empreendendo entre a amostra.

Os construtos “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros” apresentaram os conjuntos de médias constantes na Tabela 3.

**Tabela 3 - Médias de Respostas - Construtos Gestão de Ativos e Estresse com Eventos Financeiros.**

Gestão de Ativos	Média	Estresse com Eventos Financeiros	Média
Possuo um capital investido em previdência privada	2	Possuo pagamentos em atraso	6
Possuo um capital investido em fundos de investimentos	3	Não tenho dinheiro para emergências (em conta poupança ou outros investimentos)	6
		Vivo na expectativa do recebimento do salário	5
Tenho conhecimento sobre investimentos e previdência privada	4	Não tenho recebimentos previsíveis	8
		O dinheiro que ganho é insuficiente para cobrir as despesas	5
Possuo capital disponível para investir	2	Eu ganho menos do que a maioria de meus pares (colegas, amigos etc.)	5
		Eu me preocupo com o valor das minhas dívidas	8
Costumo ler e me informar sobre investimentos financeiros	5	Eu tenho empréstimos com altas taxas de juros	5
		Eu faço Despesas com festas e ocasiões especiais	5
		Preciso pedir dinheiro emprestado de familiares e amigos	5
Já adquiri bens resultantes de algum investimento financeiro	4	Eu pago meus impostos em dia	8

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

As afirmativas que formaram o terceiro construto (Gestão de Ativos) trataram de aspectos de gestão de bens e investimentos como forma de poupança e conhecimento em planejamento financeiro. Os resultados demonstram um baixo nível de concordância para as afirmações relacionadas a possuir capital investido ou disponível para investimento. Assim, infere-se que a amostra analisada possui dificuldade em gerir ativos, por ausência de conhecimento ou por ausência de recursos. Em análise por grupos específicos, as pessoas que afirmaram possuir nível superior completo apresentaram médias maiores em todas as afirmações, em especial para as afirmações: “Possuo capital disponível para investir”, “Possuo um capital investido em previdência privada” e “Tenho conhecimento sobre investimentos e previdência privada”.

A correta gestão de ativos para o mundo empresarial perpassa pela teoria econômica sob a visão neoclássica Keynesiana. A definição adotada por Assaf Neto (2018), trata da poupança como a quantia que sobra após a liquidação das despesas pelas famílias. Consequentemente, a importância econômica da poupança poderá refletir na disposição de orçamento público para previdência social nas nações e na disposição de crédito por parte dos bancos para investimento em empresas. Para as empresas, o capital de uma receita corrente líquida positiva pode transformar-se em investimento na produção e ampliação de postos de trabalho sem depender de oferta de crédito no mercado bancário. Portanto, para o empresário e para economia, uma gestão de ativos é uma estratégia de crescimento essencial sob o âmbito local e regional.

A gestão de ativos relacionados à poupança tem uma análise semelhante no quarto construto: “Estresse com Eventos Financeiros”. O conjunto das médias desse construto demonstrou um nível de concordância razoável, demonstrando que, para a amostra pesquisada, existe preocupação com eventos inesperados que possam ocorrer e a ausência de recursos para sanar necessidades urgentes de capital. Em cenários de instabilidade, eventos inesperados podem ser extremamente prejudiciais a operação das empresas, como no caso do contexto pós-covid. Segundo Confessor (2021), em situações como essa, as instituições que sobrevivem, geralmente, têm que aumentar o seu nível de endividamento e esgotamento de recursos financeiros, tornando-os ainda mais sensíveis a qualquer outro evento de instabilidade econômica que possa ocorrer.

Para analisar a participação desses dois construtos (Gestão de Ativos e Estresse com Eventos Financeiros) na variável “Eu considero ter motivação para continuar a empreender” foi realizado uma regressão linear. O índice Durbin-Watson apresentado para amostra foi de 2,015, portanto, houve rejeição da hipótese  $H_0$  (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2,2). O coeficiente de explicação das afirmativas do construto “Gestão de Ativos” apresentou um coeficiente ( $R^2$  ajustado) de 0,319 apresentando assim a impossibilidade de explicação devido ao baixo percentual (31,9%), contudo, é um construto que tem impacto na motivação de continuar empreendendo.

Os resultados da regressão feita com as assertivas do último construto “Estresse com Eventos Financeiros” apresentaram índice Durbin-Watson de 2,002, rejeição da hipótese H<sub>0</sub> (os coeficientes de todas as variáveis independentes são iguais a zero) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 2). O coeficiente de explicação apresentou o menor resultado de todos os construtos, com o R<sup>2</sup> ajustado de 0,090 (0,09%) não servindo, portanto, para explicar, prever ou relacionar com a motivação de continuar a empreender da amostra pesquisada.

De todos os construtos do modelo de Halpern (2003) analisados através da regressão linear, o construto “Gestão de Crédito” foi o que teve maior coeficiente de explicação para a variável “Eu considero ter motivação para continuar a empreender” com fator de 60%, seguido pelo construto “Educação Financeira” com 55%. O terceiro construto “Gestão de Ativos” apresentou baixo coeficiente de explicação, porém o resultado demonstra um impacto positivo. O construto “Estresse com Eventos Financeiros” apresentou resultados fracos que impossibilitam relacioná-lo com a motivação para continuar a empreender.

## 5. Conclusão

Diante de um mercado cada vez mais competitivo e na intensa aceleração dos avanços tecnológicos, as organizações empresariais têm o grande desafio na atualização de novas práticas de gestão. Para os micros e pequenos empreendedores, a informação através da educação continuada se torna primordial para sustentação de seus negócios de forma financeiramente saudável. A deficiência na competência dos gestores pode resultar em restrição do crescimento das micros e pequenas empresas e na economia local e regional, resultando no aumento das desigualdades sociais e ausência de inovação e desenvolvimento do mercado. A importância na qualificação dos micros e pequenos empreendedores é reforçada a partir dos resultados desta pesquisa, uma vez que em todos os cenários analisados, o grupo que declarou ter o curso superior completo esteve em melhores condições nos quatro construtos utilizados para comparação, além da relação positiva na renda declarada pelos respondentes.

Em todas as regressões analisadas, a “Gestão de Crédito” foi a que teve o maior coeficiente de explicação na motivação que os micros e pequenos empresários têm para continuar empreendendo. As variáveis que compuseram o construto “Educação Financeira” apresentaram resultados próximos de significância e as variáveis dos construtos “Gestão de Ativos” e “Estresse com Eventos Financeiros” não permitem concluir relação de explicação na motivação de continuar a empreender. Contudo, é importante levar em consideração que apesar dos dois últimos construtos mencionados demonstrarem baixo coeficiente de explicação, não foi propósito desta pesquisa investigar quais destes construtos podem explicar a motivação de continuar a empreender. Os resultados, embora baixos, demonstram que existe um impacto positivo, ainda que pouco significativo, na motivação para empreender por parte dos micros e pequenos empreendedores.

O construto “Gestão de Crédito” demonstrou que os gestores possuem uma relação desafiadora de endividamento e este conjunto de variáveis teve um fator explicativo de 60% na motivação de continuar a empreender. Este resultado demonstra a importância da educação financeira na gestão de custos e despesas das empresas.

Para a amostra de 329 micros e pequenos empreendedores de Camaragibe-PE, os aspectos de educação financeira apresentaram um fator impactante no desenvolvimento de hábitos e gestão financeira, além da motivação de continuar a empreender. As pesquisas acadêmicas que buscam descrever a realidade desse importante segmento econômico, em municípios de médio e pequeno porte, auxiliam a gestão pública no diagnóstico e no planejamento de políticas públicas efetivas para o desenvolvimento econômico e da qualidade de vida da sociedade. O artigo reforça ainda que o crescimento econômico se dá quando há o investimento na qualificação da força de trabalho, gerando tecnologia e inovação, um dos principais fatores para a expansão econômica. Portanto, a educação se torna um dos principais pilares da economia.

A principal limitação desse estudo é a amostra composta apenas por Microempreendedores Individuais (MEI), gestores de Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) localizados em Camaragibe-PE, o que impossibilita a generalização dos resultados. Não obstante, a pesquisa contribui para conhecer o fenômeno nessa realidade, já que não havia sido alvo de estudos anteriores.

Para minimizar essa limitação, sugere-se, para futuros trabalhos, a replicação deste levantamento em outras regiões do país, bem como a ampliação do público-alvo, podendo envolver médios e grandes empresários, o que permitirá compreender a motivação empreendedora nesses outros cenários.

## Referências

- Assaf Neto, A. (2018). *Mercado financeiro* (14a ed.): Atlas.
- Becker, G. S. (1964). *Human Capital*. National Bureau of Economic Research.
- Bozzo, A. L., Freitas, H. M., Martens, C. D. P., & Santana, A. S. (2019). Ideologia de vida e motivação empreendedora. *RACE-Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 18(2), 281-298.
- Bruno, M. (2011). Financeirização e crescimento econômico: o caso do Brasil. *ComCiência*, 128, 0-0.
- Confederação Nacional do Comércio. (2022). *Endividamento e inadimplência voltam a bater recorde em abril*. <https://fecomercio-rs.org.br/2022/05/11/cnc-endividamento-e-inadimplencia-voltam-a-bater-recorde-em-abril/>
- Confessor, K. L. A. (2021). (Re)Conhecimento da educação financeira e finanças pessoais dos concluintes em Administração e Ciências Contábeis em Recife/Pe: um estudo preliminar em duas faculdades do Recife/PE. *Revista Brasileira de Administração Científica*, 12(3), 25-33.
- Cordeiro, N. J. N., Costa, M. G. V., & Da Silva, M. N. (2018). Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. *Ensino da Matemática em Debate*, 5(1), 69-84.
- Da Silva, A. F. G., & Farago, R. (2013). A importância e os benefícios da implantação de um programa de educação financeira nas empresas. *Revista Linguagem Acadêmica*, 3(1), 125-144.
- Farah, O. E., Cavalcanti, M., & Marcondes, L. P. (2020). *Empreendedorismo estratégico: criação e gestão de pequenas empresas*. Cengage Learning.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.): Atlas.
- Gitman, L. J. (2001). *Princípios de administração financeira* (2a ed): Bookman.
- Gomes, F. C. (2005). *O sucesso do empreendedor: análise sobre o resultado de estratégias competitivas genéricas aplicadas a pequenos negócios*. São Paulo: s.e.
- Graczkowski, J. F., & Pereira, A. W. S. V. (2021). Política pública de formação para o trabalho: o papel da educação profissional e tecnológica na relação entre educação e geração de renda, à luz da teoria do capital humano (73-90). In: Stadler, A., & Limas, C. E. A. *Administração Contemporânea* (2 ed.). Ponta Grossa: ZH4.
- Graf, C. O., & Graf, M. (2013). Planejamento Financeiro: fugindo das dívidas. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 11(2), 183-191.
- Gujarati, D. (2012). *Econometrics by example*. Macmillan.
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis* (7a ed.). Prentice Hall: Upper Saddle River.
- Halpern, M. (2003). *Gestão de Investimentos*. Saint Paul Institute of Finance.
- Hugentobler, L. G., & Heidrich, R. (2020). A Importância da Dissociação entre as Finanças Empresariais e as Finanças Pessoais dos Empresários Individuais do Município de Taquara/RS. *Revista de Administração de Empresas Eletrônica-RAEE*, 13(2), 157-186.
- Miguez, V. B., & Lezana, A. G. R. (2018). Empreendedorismo e inovação: a evolução dos fatores que influenciam o empreendedorismo corporativo. *Navus: Revista de Gestão e Tecnologia*, 8(2), 112-132.
- Mincer, J. (1974). *Schooling, Experience and Earnings*. Columbia University Press.
- Lana, J., Lizote, S. A., Rocha, A., Brand, A., & Verdinelli, M. A. (2011). Um estudo sobre a relação entre o perfil individual e as finanças pessoais dos alunos de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. Anais do *Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*, Florianópolis, Brasil, 11.
- Malhotra, N. K. (2011). *Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada* (6a ed.). Bookman.
- Matos, W. A. M. (2017). Educação Empreendedora: sua Importância como Fator de Redução da Mortalidade Precoce das Micro e Pequenas Empresas. *Revista Educação*, 12(2), 24-30.

Miranda, R. A. F., Leal, E. A., & Araújo, T. S. (2017, junho). Finanças pessoais: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças e as características dos estudantes universitários da área de negócios. *Anais do Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (Anpcont)*, Belo Horizonte, Brasil, 11.

Ribas, R. (2011). A motivação empreendedora e as teorias clássicas da motivação. *Caderno de Administração*, 5(1), 1-19.

Ross, S., Westerfield, R., & Jaffe, J. F. (1995). *Administração financeira*. Atlas.

Sebrae. (2016). *Pequenos negócios em números*. <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/sebraeaz/pequenos-negocios-em-numeros,12e8794363447510VgnVCM1000004c00210aRCRD>

Sebrae. (2021). *Datasebrae. Atlas dos Pequenos Negócios*. <https://datasebrae.com.br/atlas/>.

Siqueira, L. S., & Barbosa, C. K. (2017). A importância da gestão financeira nas micro e pequenas empresas. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, 13(33), 106-121.

Solow, R. M. (1956). A contribution to the theory of economic growth. *The Quarterly Journal of Economics*, 70(1), 65-94.

Vieira, G. A., Lucas, F. F., Gomes, C. F. S., & Santos, M. (2021). Análise prospectiva do mercado de capitais brasileiro pós-covid19: uma visão macroeconômica. *Revista SIMEP*, 1(1), 79-93.

Vieira Neto, J., Marinho, M. S., & Carvalho, P. S. (2018). Desafios da implantação do planejamento estratégico pela micro e pequena empresa. *Espacios*, 39(33), 9-24.